

O CARPE DIEM E A REPRESENTAÇÃO DO VINHO EM RUBÁIYAT, DE OMAR KHAYYÁM

Eduardo oliveira Zanini

RESUMO[©]

O presente trabalho tem o intuito de analisar o lema *carpe diem* e a figuração do vinho na coletânea de poemas **Rubáiyat**, do poeta persa Omar Khayyám, utilizando três diferentes versões desta obra. O estudo apresenta alguns tópicos pertinentes à explanação de seu objeto de estudo, como dados a respeito do autor, da obra e da expressão latina *carpe diem*. Além disso, desenvolve rápida explanação sobre aspectos que contribuem para a melhor compreensão do problema principal, como a visão do poeta em relação à religião, ao conhecimento e à morte.

PALAVRAS-CHAVE : literatura persa, *carpe diem*, vinho

INTRODUÇÃO

Considerável parcela da literatura oriental permanece pouco ou nada conhecida pelo Ocidente. O leitor do nosso hemisfério que procura tomar contato com essas obras literárias, costuma deparar-se com uma escassez bibliográfica. Dessa forma, predominantemente, a riqueza e a beleza da literatura oriental segue desconhecida.

Dentro desse contexto, a literatura muçulmana não recebe a devida atenção. Rica em quantidade e qualidade, não costuma fazer parte da nossa formação intelectual. Uma das raras obras produzidas no ambiente islâmico que ganhou certo destaque nessa parte do globo foi a coletânea de poemas Rubáiyat, do persa Omar Khayyám, a partir do século XIX. Desde então, tem fascinado leitores do Ocidente com sua desalentada reflexão centrada na problemática da fugacidade da existência humana.

1 Metodologia

O estudo em curso utiliza três diferentes traduções de **Rubáiyat**, produzidas por Matos Pereira (1944), Octavio Tarquinio de Souza (1957) e Christovam de Camargo (2000). Das três, somente a de Matos Pereira conserva a conformação original dos poemas em quadras. Por tratarem-se de versões poéticas de uma língua que pertence a um ramo lingüístico distanciado do ramo do qual descende a língua portuguesa e por não preservarem a forma original dos poemas, os aspectos formais da obra de Khayyám não são examinados neste trabalho.

Da mesma forma, o contexto social e histórico no qual foram escritos os poemas não ganha relevo no presente artigo. A análise centra-se basicamente na temática do poeta, destacando o modo como são representados o lema *carpe diem* e o vinho.

2 O autor

Omar Iben Ibrahim El-Khaiami nasceu em 1040 (ou 1062), perto da cidade de Nissapur, na Pérsia (atualmente o Irã), e faleceu aos oitenta e cinco anos de idade na mesma cidade. Foi astrônomo, matemático e poeta. Compôs um trabalho a respeito das equações cúbicas, intitulado **Demonstração dos problemas de Al-Djabr e de Mugabala**, estudou longamente o quinto postulado de Euclides (matemático grego do século III a. c.) e a teoria das paralelas, e foi um dos responsáveis pela reforma do calendário persa.¹

A temática da obra poética de Khayyám gira em torno do desencanto com a fugacidade da vida, a qual é apresentada como um fardo. Segundo sua poética, ao ser humano não é dado o direito de decidir se deseja nascer ou não e, uma vez nascido, não pode nada fazer a

não ser sujeitar-se ao seu Destino e à ordem natural da existência: a inevitabilidade da morte. Sendo a vida passageira e a aniquilação final irrevogável, o poeta encontra como solução a vivência do momento presente de maneira plena. Além disso, Khayyám produz muitos versos para criticar e ironizar a conduta de seus contemporâneos, que muitas vezes apegavam-se a dogmas e convenções com a finalidade de justificarem o porquê de suas vidas e condenavam categoricamente o modo de vida daqueles cujo pensamento diferenciava-se do seu.

3 A obra

Rubáiyat é a coletânea dos poemas produzidos por Omar Khayyám durante sua vida, escritos em persa sob a forma de quadras de igual metro, rimando o primeiro, o segundo e o quarto versos. Em persa, essa espécie de composição poética chama-se *rubaía*, e seu plural recebe a denominação de *rubáiyat*. Daí provêm o nome do livro².

É desconhecido o número exato de quadras compostas por Omar Khayyám. O manuscrito bodleriano (de Bodler, seu descobridor), escrito em 1460, é o mais antigo registro da obra de Khayyám conhecido, com duzentos e cinquenta e um poemas. Na biblioteca da Universidade de Cambridge, por outro lado, há um outro manuscrito com oitocentos poemas. Diante de tão destacada diferença numérica entre os manuscritos de **Rubáiyat** existentes, não há acordo entre os estudiosos a respeito do tamanho da produção original do poeta persa³.

A primeira impressão de **Rubáiyat** foi realizada em Calcutá (Índia), no ano de 1836. Depois de algumas décadas, mais precisamente em 1857 e 1862, foi impressa em Teerã⁴. Entretanto, Khayyám foi descoberto pelo Ocidente somente em 1859, através da versão poética realizada pelo poeta irlandês Edward Fitzgerald⁵. A partir daí, surgiram edições de **Rubáiyat** por todo o mundo ocidental, sendo a tradução de Franz Toussaint para o francês uma das mais prestigiadas dentre elas.

4 Carpe diem

Carpe diem é uma expressão latina que significa *aproveita o dia* ou *aproveita o momento fugaz*. Foi extraída das **Odes** do poeta latino Horácio, que cultivava-o como um dos principais motes de sua poesia lírica⁶. Esse topos, no entanto, remonta da literatura grega (Ésquilo e Anacreonte, por exemplo). Atravessou a literatura da Idade Média, foi reaproveitado pelo Arcadismo e, somente com o advento do Romantismo, tornou-se menos usual. Massaud Moisés, referindo-se ao *carpe diem* nas literaturas orientais, cita a obra de Omar Khayyám: "Sutilizado por vezes às raias dum misticismo que não esconde uma infinita e benevolente sabedoria existencial, o motivo também percorreu as literaturas orientais, como se nota, por exemplo, no **Rubaiyat**, de Omar Khayyam, poeta persa do século XI-XII"⁷.

5 O *carpe diem* em Rubáiyat

A biografia de Khayyám flagra uma personalidade inclinada ao estudo e à ciência, que procura respostas acerca do funcionamento do universo. Matemático, astrônomo e poeta, desejava o conhecimento desde a juventude. Não à toa evoluiu tão rapidamente no ambiente científico de sua época, assumindo a função de diretor do observatório astronômico de Merv com pouco mais de trinta anos. Sua busca de entendimento, no entanto, logo gerou mais dúvida e angústia do que respostas àquilo que procurava compreender: o porquê da existência humana⁸. Desiludiu-se então com as indagações filosóficas, pois concluiu que o homem, frente ao mistério do universo, nada sabe.

*Eu, quando jovem, procurei ouvir
argumentos de santo e de letrado,
sobre Isto e sobre Aquilo. Mas no fim,
sempre saí tal como havia entrado*⁹

Segundo o sujeito lírico do poema apresentado, as conclusões humanas a respeito do motivo primordial de tudo não passam de frágeis palpites que podem perfeitamente desmoronar sob pressão de novos argumentos. A filosofia e a ciência, dessa forma, são apenas palavras vazias de real sentido, já que não cumprem, nem podem cumprir, sua função de explicar os grandes arcanos do cosmos. Vem daí

o ceticismo comumente atribuído à Khayyám. Seus poemas negam categoricamente a possibilidade do ser humano de entender a ordem do universo, o porquê de sua estadia neste mundo e a existência de alguma outra morada além dessa.

A religião, da mesma forma, parece nada ter a dizer ao homem:

*Aqueles que debulharam
as pérolas da eloqüência,
fértéis de imaginação,
e prolixamente dissertaram
sobre os mais insignificantes predicados
do Criador,*

*não conheceram certamente Allah,
nunca o viram,
nunca privaram no seu convívio,
nunca se abeberaram
na origem dos mistérios.*

*Foram por demais levianos,
mentirosos, diria,
esses inimigos da razão.*

*Palraram, palraram,
depois puseram-se a dormir...*

Foi o que fizeram¹⁰.

O Islamismo promete aos seus fiéis um paraíso repleto de belas virgens, cavalos soberbos, manjares deliciosos, música, etc.¹¹, mas nada disso comove e convence o sujeito lírico do poema acima. Ele deseja resposta e satisfação neste mundo, sem precisar recolher-se a espera de outro plano, do qual nada se sabe ao certo. Não lhe satisfaz o apego a dogmas para suportar seus dias na terra, nem viver resignado a uma verdade já pronta e inquestionável estabelecida pela religião. Não deseja embrutecer sua espiritualidade no seguimento de dogmas, gastando seus dias numa obediência cega a postulados que parecem-lhe apenas mentiras consoladoras, cuja realidade ninguém no mundo é capaz de

comprovar. Da mesma forma, não aceita renunciar os prazeres desta vida em nome de uma vida futura da qual fala a religião. Por isso, ironiza o comportamento daqueles que sentem-se muito confortáveis em suas suposições acerca de seu Destino depois da morte.

Sem crer na religião, na filosofia ou na ciência, o sujeito lírico resta perplexo perante a vida que foge. Aturde-lhe a corrida do tempo, que na sua urgência carrega tudo consigo, transformando a vida em nada.

[...]

*Após meu desenlace,
e após o teu desenlace,
continuará transitando a lua,
do minguante ao crescente,
do crescente ao minguante,
pelos séculos além...¹²*

A natureza obedece a ciclos de nascimento e morte, construção e destruição: aquilo que é matéria viva tem como única alternativa tornar-se cinzas. O que nasce morre, sem possibilidade de apelação. E o ser humano encontra-se preso a essa máquina de corrupção da qual não pode fugir. Sua existência é efêmera e, ao partir, continuam girando os astros, indiferentes à miséria humana, indiferentes àqueles que não residem mais nesse mundo. Com sua partida, a ordem do universo mantém-se inabalável. Uns homens nascem, outros morrem, e sob o sol tudo permanece igual.

Resta ao ser humano, portanto, gozar o momento presente da maneira mais intensa possível.

- O dia que passou?

Esquece-o!

- O dia que ainda não veio?

Não o temas!

Amigo!

Não tortures o coração

na expectativa do dia que não chegou,

não queiras viver

o que ainda não aconteceu...

*E não procuras lamentar
o dia que já se foi.*

*Sossega,
não corrompas a vida
com temores e quimeras.*

*Entre as dobras do passado
e o limiar do porvir,
nesse emaranhado de crenças,
em meio aos enganos do mundo,
e os terrores do Além,
mantém-te liberto,
e sê feliz!¹³*

Nesses versos, o sujeito lírico reflete a respeito do tempo e conclui que de nada vale afligir-se com os tempos idos, pois estes não tem mais como serem mudados. Do mesmo modo, afirma ser uma preocupação vã viver preocupado com o tempo futuro, que ainda não veio e ninguém sabe como será. Passado e futuro representam apenas abstrações da mente humana. Somente o que existe de concreto é o instante presente, e é com a realização do prazer no agora que o homem deve preocupar-se. Usufruir o momento significa ser livre, porque quem vive o presente não se encontra preso a um tempo, pretérito ou vindouro, do qual não pode participar.

Além disso, a tristeza revela-se inútil no combate contra as adversidades da existência. Por isso, o sujeito lírico do poema a seguir dirige-se ao leitor como a um amigo para aconselhar:

*Amigo!
Não te entristeças!
Nada mais inútil,
nada mais vão
do que viver triste.*

*Na correnteza da vida,
que às vezes se encachoeira,
onde a rainha é a injustiça
e a hipocrisia faz lei,*

*segue ereto e sobranceiro,
sem que te culpem de nada.*

*E não que te impressione
o termo desta viagem.
Faze como se não existisses,
abstrai-te do mundo
e, sem temores e sem crenças,
vive livre,
vive feliz!¹⁴*

Se a estadia no mundo pode ser prazerosa ou desagradável, entre uma opção e outra é melhor ao homem viver prazerosamente até seu derradeiro instante. Assim, mesmo não evitando a morte, deve percorrer a existência saboreando nela aquilo que lhe faz bem. Seria irracionalidade de sua parte passar a vida inteira oprimido pela infelicidade e depois simplesmente cessar de existir. Não possuindo armas para enfrentar a morte, nada lhe resta senão ignorá-la e continuar gozando seus dias desfrutando o melhor de cada momento. Tal maneira de pensar remete à expressão latina *carpe diem* (aproveite o dia), cunhada pelo poeta Horácio. Os poemas de Khayyám apresentam esse mesmo estímulo à vivência intensa do momento presente.

Muitas vezes, o *carpe diem* na obra do poeta persa vem associado a uma apologia ao vinho, como acontece nos versos seguintes:

*Bebe vinho dourado!
É repouso para o espírito,
bálsamo providencial
para a alma e corações feridos.*

*Se fores assediado
por dilúvio de tristeza,
se te vires, por todos os lados,
acometido de pesares,*

*Agarra-te, sem receio,
ao delicioso vinho dourado.*

É o barco da salvação!¹⁵

O vinho, nesses versos, aparece como alívio à dor existencial do sujeito lírico. É através da bebida que ele encontra um meio de suportar as aflições de sua alma. Mais que isso, a vinho funciona como uma fonte de entusiasmo de onde ele tira ânimo para viver a inteireza do instante fugitivo. Essa bebida liberta sua mente da mesquinhez da existência, abrindo seus olhos para as esquivas belezas que a vida lhe oferece. Por isso, deve-se beber com vontade, com empolgação, em grandes quantidades, sem o mínimo pudor de dissimular o prazer de estar ébrio. Seu convite ao interlocutor para que se entregue também às delícias do vinho, em caso de tristeza, é escancarado.

Mais que saciar os sentidos, o vinho serve ao homem como uma forma de ascensão à algo maior

O vinho proporciona aos sábios uma embriaguez semelhante à dos Eleitos;

dá-nos a mocidade, restitui-nos o que perdêramos, põe ao nosso alcance

tudo quanto desejamos. * O vinho queima como uma torrente de fogo, mas,

às vezes, tem sobre nossas mágoas o efeito da água pura e fresca.¹⁶

Em muitas culturas e religiões, o vinho é o elixir da juventude e da vida eterna¹⁷. Serve também como símbolo da embriaguez sagrada, a qual dota aquele que o ingere de dádivas intelectuais e espirituais. É associado, no Antigo Testamento, à sabedoria divina¹⁸. Na religião muçulmana, aparece como a bebida do amor divino, simbolizando o conhecimento espiritual e a plenitude existencial.¹⁹

No poema acima, encontra-se uma representação do vinho que aponta para uma interpretação transcendental do termo. A embriaguez aparece atuando não apenas como um paliativo contra a aflição da existência, mas também elevando o sujeito lírico a outro nível de consciência. Ao ingerir a bebida, seu intelecto e seu espírito aguçam-se e ele percebe o mundo de uma maneira muito mais intensa do que durante a sobriedade. O vinho “abre sua mente” para compreender a realidade com uma nitidez típica de um “eleito”, segundo afirma no início do poema. Além disso, o vinho, agindo como um elixir da vida eterna e da

juventude, resgata a jovialidade perdida do sujeito lírico. A cada gole, ele sente-se mais renovado, alforriado de suas mágoas e de seu sofrimento, livre para melhor desfrutar o momento fugaz.

O *carpe diem* na temática da obra de Omar Khayyám, além de associar-se a uma apologia ao vinho, liga-se também a defesa de uma vida simples e sem vaidades:

Fecha o Alcorão; e pensa, e fala e age

sem temor. Perdoa a quem te ferir;

dá aos pobres metade do que tens,

e esconde-te depois – para sorrir.²⁰

Os versos acima refletem o ideal de vida sugerido em muitas das quadras de Khayyám. O sujeito lírico desse poema convida o interlocutor a conduzir seu caminho de maneira a não ferir ninguém, optando pela generosidade e pela compreensão. Guardar mágoas de alguém serve apenas para aumentar o fardo de sofrimento que o homem já carrega naturalmente. Por isso, mais sábio é viver com simplicidade, perdoadando as ofensa alheias e sorrindo sobranceiro frente ao espetáculo das paixões humanas. A paz encontra-se na renúncia às grandes expectativas e às grandes ilusões.

Na obra de Khayyám, a preocupação com o aproveitamento da vida em cada um de seus instantes está intimamente ligada à uma grande angústia frente à iminência da morte. O sujeito lírico do poema a seguir toca justamente nesse tema.

Encontrei, certa noite, na taberna,

um doutor em teologia.

Dele me aproximei

curioso, ávido de saber.

Irreverente e indiscreto,

ao mesmo tempo,

pedi-lhe que me falasse

da vida e do destino

daqueles que partem.

De início propôs-me o sábio

uma taça de vinho dourado.

Depois disse, instruindo-me:

Numerosíssimos

são aqueles que partiram,

homens como nós.

mas ninguém voltará,

ninguém!²¹

Dentre todas as confusões do mundo, a única certeza é a morte. Todo ser humano precisa enfrentar seu fim, independentemente de quão rico ou poderoso for, e ninguém sabe se encontrará algo após sua partida. A morte, portanto, iguala toda a humanidade e dela ninguém retorna para relatar o que há além. O homem vem do desconhecido e ao desconhecido retorna e, no meio tempo entre nascimento e morte, permanece ignorante do motivo de existir, apenas vendo a vida fugir-lhe diante dos olhos. Por mais que procure compreender o porquê de sua existência, nada pode desvendar desse inviolável enigma.

CONCLUSÃO

O estudo realizado analisou a coletânea de poemas **Rubáiyat** a fim de nela encontrar o modo como estão expostos o lema *carpe diem* e a representação do vinho. Com esse intuito, apresentou vários exemplos referentes aos temas abordados e nesses exemplos identificou seu objeto de estudo.

Como resultado, comprovou a ocorrência, na obra de Omar Khayyám, de uma tematização da expressão latina *carpe diem*, utilizada normalmente sob forma de aconselhamento ao interlocutor. Essa, por sinal, é uma das características recorrentes em **Rubáiyat**: o sujeito lírico mantém constante diálogo com o interlocutor a respeito de visão da existência humana. Com ele, o sujeito lírico “divide” sua desilusão com o conhecimento e a religião e sua angústia perante a fugacidade da existência humana. O lema *carpe diem*, que representa um estímulo à vivência do instante presente liga-se a uma visão do mundo que ressalta a precariedade da vida diante da iminência constante da morte.

Constatou-se, também, que o vinho está

simbolizado em **Rubáiyat** como um elixir que consola o homem da sua dor existencial, devolve-lhe a jovialidade e expande sua percepção do cosmos. Dessa forma, o vinho representa um meio de ligação a uma outra dimensão da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Dicionários)
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de símbolos tradicionales**. Barcelona: Luis Miracle, 1958.
- GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. [s.l.]: Nova Cultural, 1999.
- KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyát**. Trad. Matos Pereira. Rio de Janeiro: Jangada, 1944.
- KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyát**. Trad. Octavio Tarquinio de Sousa. Posfácio de Tristão de Athayde. 12 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.
- KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. Versão poética de Christovam de Camargo, baseada na interpretação literal do texto persa feita por Ragy Basile. Introdução de Christovam de camargo. Perfil biográfico de Matos Pereira São Paulo: Martin Claret, 2003.
- rKHEYYÁM, Omar. **Rubaiyat seguidos del poema Kuza-nama**. Trad. José Gilbert., postas em verso por Diego Navarro. Barcelona: J. Janés, 1951.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. Trad. Mario Kauss e Vera Barkow. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.

NOTAS

© Aluno do quarto semestre da graduação em Letras Português (731), em trabalho para a disciplina Técnicas pesquisa em Letras, sob orientação da profa. Ms. Raquel Trentin Oliveira.

¹ GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. [s.l.]: Nova Cultural, 1999. v.14. p.3416.

² NAVARRO, Diego. Prólogo. In: KHEYYAM. Omar. **Rubaiyat seguidos del poema Kuza-Nama**. Barcelona: José Janés, 1951. p.IX.

³ Idem. p. XVIII-XIX

⁴ Idem

⁵ CAMARGO, Christovam de. Introdução. In:

KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 16-17. Martin Claret, 2003. p.81

⁶ TOSI, Tenzo. **Dicionário de sentenças gregas e latinas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 275-276.

⁷ MOISÉS, Massaud. Carpe diem. _____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2002. p.77-78

⁸ CAMARGO, Christovam de. Introdução. In: KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.18

⁹ KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyát**. Versão poética de Matos Pereira. Rio de Janeiro: Jangada, 1944. p.6

¹⁰ KHAYYAM, Omar. **Rubáiyat**. Versão poética de Christovam de Camargo, a partir da interpretação literal de Ragy Basile. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.145.

¹¹ PEREIRA, Matos. O gênio que foi Omar Ibn Ibrahim El Khayyám. In: KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyát**. Rio de Janeiro: Jangada, 1944. p.19

¹² KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. Versão poética de Christovam de Camargo, a partir da interpretação literal de Ragy Basile. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.52

¹³ Idem. p.44

¹⁴ Idem. p.168

¹⁵ Idem. p.71

¹⁶ KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. Trad. Octavio Tarquinio de Sousa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p.129.

¹⁷ CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de símbolos tradicionales**. Barcelona: Luis Miracle, 1958. p.424.

¹⁸ LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.754 –755.

¹⁹ BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999. p.297.

²⁰ KHAYYAM, Omar. **Rubáiyat**. Versão poética de Matos Pereira. Rio de Janeiro: Jangada, 1944. p.11.

²¹ KHAYYÁM, Omar. **Rubáiyat**. Versão poética de Christovam de Camargo, a partir da interpretação literal de Ragy Basile. São Paulo: